



OS ESCRITOS TEOLÓGICOS DE ISAAC NEWTON E AS INTERPRETAÇÕES PARA AS PROFECIAS DE DANIEL

THE THEOLOGICAL WRITINGS OF ISAAC NEWTON AND THE INTERPRETATIONS FOR DANIEL'S PROPHECIES

LOS ESCRITOS TEOLOGICOS DE ISAAC NEWTON Y LAS INTERPRETACIONES A LAS PROFECIAS DE DANIEL

Ismael Fuckner*

RESUMO

Trata-se de um estudo de base teórico-bibliográfica que pretende analisar os escritos teológicos deixados por Isaac Newton, com ênfase em suas investigações sobre o relato registrado em *Daniel 2*. A parte central do capítulo é um sonho, atribuído ao rei Nabucodonosor, em que aparece uma estátua de grande estatura construída utilizando-se quatro metais de naturezas distintas. A partir de uma edição em língua portuguesa de sua obra *Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St John* (1733), o artigo discute criticamente o conjunto da referida obra, o contexto histórico em que a mesma foi produzida, a metodologia utilizada pelo cientista inglês e suas próprias conclusões a respeito dos quatro reinos representados naquela estátua. Apóia-se em produções acadêmicas no campo da história da ciência e história das ideias; bem como, em estudos sobre métodos de interpretação bíblica de viés sócio-histórico e sobre o uso do gênero literário conhecido como contos da corte.

Palavras-chave: Escatologia newtoniana. Sonho de Nabucodonosor. Quatro reinos.

ABSTRACT

This is a literature-based study which aims to analyze the theological writings left by Isaac Newton, with emphasis on his studies on the account recorded in *Daniel 2*. The central part of the chapter is a dream, attributed to King Nebuchadnezzar, in which appears a statue of great stature built using four metals of different natures. From a Portuguese edition of his work *Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St John* (1733), the article critically discusses the set of this work, the historical context in which it was produced, the methodology used by the English scientist and his own conclusions about the four kingdoms represented in that statue. It relies on academic productions in the field of the history of science and the history of ideas; as well as in studies on methods of biblical interpretation of socio-historical bias and on the use of the literary genre known as court tales.

Keywords: Newtonian theology. Nebuchadnezzar's dream. Four kingdoms.

* Doutor em Ciências Sociais, Mestre em Antropologia, Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Pará. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará. Brasil. ORCID: 0000-0001-9758-2040. E-mail: ismaelfuckner@yahoo.com.br.

RESUMEN

Este es un estudio de base teórica y bibliográfica que pretende analizar los escritos teológicos dejados por Isaac Newton, con énfasis en sus estudios sobre el relato registrado en Daniel 2. La parte central del capítulo es un sueño, atribuido al rey Nabucodonosor, en el que aparece una estatua de gran estatura construido con cuatro metales de diferentes naturalezas. A partir de una edición portuguesa de su obra *Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St John* (1733), el artículo discute críticamente el conjunto de esta obra, el contexto histórico en el que se produjo, la metodología utilizada por el científico inglés y sus propias conclusiones sobre los cuatro reinos representados en esa estatua. Se basa en producciones académicas en el campo de la historia de la ciencia y la historia de las ideas; así como en estudios sobre métodos de interpretación bíblica del sesgo socio-histórico y sobre el uso del género literario conocido como cuentos cortesanos.

Palabras clave: Teología newtoniana. Sueño de Nabucodonosor. Cuatro reinos.

1 INTRODUÇÃO

O renomado cientista inglês e pensador iluminista Isaac Newton (1643 - 1727), que se dedicou a estudos no campo da física, astronomia e matemática, além de pesquisas sobre as leis da gravitação e outros temas científicos, produziu uma extensa exposição sobre as profecias contidas nos livros *Daniel* e *Apocalypse* de João. Publicada postumamente, em 1733, com o título *Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St John*, sua principal obra de teologia foi dividida em duas partes: a primeira, contendo 14 capítulos dedicados ao livro de *Daniel*; a segunda, dedicada ao *Apocalypse* de João, compreende apenas três capítulos.

Newton apresenta, logo de início, um panorama histórico sobre a compilação dos livros que compõem as Escrituras Hebraicas. No segundo capítulo, o autor dá instruções sobre a interpretação da linguagem profética, partindo do pressuposto de que partes da Bíblia fora escrita metaforicamente e que, por meio das analogias presentes no texto sagrado, seja possível estabelecer correlações com a história terrena. Na sequência, encontramos um breve capítulo relatando e explicando o sonho de Nabucodonosor, o qual será tratado aqui com mais detalhes.

O presente artigo, concentra-se nos três capítulos iniciais dessa minuciosa obra, publicada em língua portuguesa com o título *As Profecias do Apocalipse e o Livro de Daniel: as raízes do código da bíblia*¹. A intenção é mostrar como o relato sobre o sonho de Nabucodonosor (Dn 2) foi interpretado por Newton; discutir criticamente a inclusão da visão dos quatro reinos no livro, cuja autoria foi atribuída a Daniel; bem como, analisar a interpretação proposta por Isaac Newton à sucessão histórica desses reinos, representados

¹ Trata-se de uma versão ebook, que doravante será citada apenas como *As Profecias*. A organização dos originais e a iniciativa da publicação foi responsabilidade de Benjamin Smith (Newton, 2011, p. 6), um parente próximo do cientista (Sales, 2019, p. 8; Forato, 2003, p. 91).

na estátua com metais diversos [ouro, prata, bronze e ferro].

O tema foi atualizado com resultados de pesquisas no campo da história da ciência e história das ideias, que buscam explicar o método de pesquisa utilizado por Newton, seus objetivos com esses estudos; bem como, os resultados apresentados pelo pesquisador anglicano.² Por fim, há também, uma análise sobre o processo de inserção do relato dos quatro reinos, a partir da utilização de um recurso literário denominado *contos da corte*, que pode ser identificado no texto bíblico em tela, pois, conforme nos mostra Andrade (2013, p. 49): “O Livro de Daniel apresenta uma divisão natural em dois gêneros básicos: ‘contos de corte’ e ‘visões apocalípticas’. Os capítulos iniciais Dn 1-6 são considerados por muitos estudiosos como narrativas ou lendas, conhecido também como gênero hagádico”.

2 A METODOLOGIA E O OBJETIVO DA PESQUISA DE ISAAC NEWTON

Em sua dissertação, Thaís Forato se dedicou à análise sobre as escolhas metodológicas utilizadas na composição da obra *As Profecias*.³ Inicialmente, a pesquisadora salienta que “os manuscritos teológicos de Newton só ficaram acessíveis para estudos há poucas décadas, e o número de estudos produzidos com base nesses originais é muito reduzido” (Forato, 2003, p. 9), destacando-se os trabalhos de dois pesquisadores estadunidenses: o livro do historiador Frank Edward Manuel, *The Religion of Isaac Newton* (1974); e o artigo *Newton e o Cristianismo* (1980), que tornou conhecido o biógrafo e historiador da ciência Richard Westfall. A pesquisadora comenta também que, segundo Westfall, Newton buscava salvar o cristianismo de qualquer tipo de irracionalidade (Forato, 2003, p. 86). Segundo Frank Manuel, o cientista inglês trocava ideias com John Locke, Henry More, Fatio de Duiller, Richard Bentley, William Whiston, Samuel Clarke, Brook Taylor e vários bispos eruditos e que as “cartas e memórias são unânimes ao descrevê-lo possuindo uma obstinada teimosia em sustentar sua própria interpretação, a despeito das críticas de seus amigos” (Forato, 2007, p. 129). A autora nos conta que:

² Seus estudos teológicos teriam iniciado, segundo Forato (2003, p. 75), por volta de 1670, período em que deixaria de ser cristão ortodoxo para ingressar formalmente na Igreja Anglicana. Detalhes a respeito da biografia de Newton e seu envolvimento com o Trinity College, onde ingressou em 1661, bem como sobre sua tumultuada relação com a Igreja Anglicana, sugiro o texto de Sales (2019). A monografia versa a respeito do contexto histórico marcado pelo movimento iluminista e sobre as ideias que podem ter influenciado a produção do cientista inglês.

³ Trata-se de uma dissertação na área de história da ciência, cujo título *O método newtoniano para a interpretação das profecias bíblicas de João e Daniel na obra: Observations upon the prophecies of Daniel and the apocalypse of St. John*, sugere a principal intenção da autora que é esboçar com detalhes a metodologia escolhida por Newton na análise de dois livros da Bíblia: *Daniel* e *Apocalipse*.

Newton colecionou 25 versões gregas diferentes do livro do Apocalipse, para estabelecer o texto correto, e esquadrinhou a Bíblia à procura de passagens confirmadoras para as profecias [e] que ele trabalhava com obras publicadas e também manuscritos raros. Ponderou sobre os textos da Bíblia ao longo de toda sua vida. Utilizava principalmente versões em inglês, latim e grego, além do hebraico, com o auxílio de um dicionário (Forato, 2003, p. 97).

O trabalho era minucioso e, apesar de não comentar especificamente sobre suas escolhas metodológicas em seus escritos teológicos, é possível, segundo Forato (2007, p. 123), elaborar um esquema seguido por aquele pesquisador, que passaria por quatro etapas: “estabelecimento do texto fidedigno para as profecias”, “criação do código interpretativo”, “aplicação deste código às profecias” e, por fim, “verificação, ou prova, através do confronto com dados históricos”. Suas investigações certamente foram influenciadas pelo pensamento iluminista, que predominava nas atividades acadêmicas de seus contemporâneos. Mas qual o objetivo de Newton com tais estudos e qual a sua importância para o conjunto de sua obra?

Isaac Newton tem objetivos ao criticar e sistematizar, em um modelo sincrônico e diacrônico, os textos bíblicos de Daniel e o Apocalipse. Apoiado numa leitura rígida dos textos, de seus conceitos e símbolos (sobretudo os numéricos, importantes para a datação final que o autor almeja), Newton [compara] textos de um passado distante historicamente com os resultados da ação do homem e da Igreja Católica ao longo do percurso do tempo (Sales, 2019, p. 17).

Forato (2003, p.15) salienta ainda que, “comentadores de Newton foram unânimes com relação à pertinência dos seus estudos alquímicos, cabalísticos, teológicos - mencionando apenas alguns campos -, para a sua época”, e apresenta-nos algumas pistas das razões de tanta dedicação aos estudos relacionados às ciências naturais, mas também aos temas relacionados à teologia e história. Investigações essas marcadas pela busca da objetividade e valorização dos documentos originais e precisão cronológica, que acompanhavam o modelo de história influenciado pelo pensamento iluminista predominante e que marcaria o positivismo, desenvolvido em período posterior ao vivido por aquele cientista. Assim, verificamos um objetivo manifestado em duas frentes de investigação, a saber:

1. Investigação sobre a natureza, pois os temas pesquisados mostram o propósito de “demonstrar a existência de Deus e sua ação na natureza” (Forato, 2003, p. 66);
2. Investigação sobre a história, pois, já ao redigir sua primeira interpretação do livro *Apocalipse* de João, entre os anos de 1670 e 1680, o inglês “trata a profecia como a evidência

da existência de Deus e sua dominação sobre a história” (Forato, 2003, p. 77).

Sales (2109) e Forato (2003, 2007) concordam que o maior fascínio de Newton, ao estudar as profecias bíblicas, era mostrar evidências da existência de um Deus que está atento à história e interfere nos seus acontecimentos. Ambos avaliam que o escritor buscava acumular provas de que Deus agiria nos eventos trágicos que nublavam a imagem da Igreja Católica de sua época.

É surpreendente a grande quantidade de historiadores e obras que Newton descreve para justificar cada detalhe de uma profecia, associando-a à história [...]. Newton também recorre às fontes originais do fim da Antiguidade, epístolas papais e passagens da história eclesiástica para a reconstituição histórica da Igreja nos primórdios do cristianismo. Esse esforço de Newton em corroborar a realização histórica de cada profecia pode ser entendido como a intenção de demonstrar a existência de Deus e sua dominação sobre a história e, nesse sentido, ele é explícito em vários trechos da obra (Forato, 2007, p. 128).

O pesquisador teria desenvolvido um método de compreensão do texto profético baseado nos modelos deixados por Joseph Mede (1586-1639), um grande teólogo, filólogo, teólogo e exegeta inglês de orientação anglicana. Sua visão milenarista e sua interpretação das profecias, consagraram-se no meio dos estudiosos e tornaram-se grandes influências para Isaac Newton, entre outros ilustres seguidores (Sales, 2019, p. 29-30). O historiador afirma também que Newton teria criado um novo método de interpretação, “ao acrescentar à narrativa sincrônica de Mede um processo de indução” e que a observação repetitiva e comparação hermenêutica de diversos trechos da Bíblia, somadas à uma atenção especial e comparativa às antigas cronologias, permitiram decifrar o código das profecias de Daniel (Sales, 2019, p. 37).

Newton (2011, p. 26), manifesta com clareza sua preferência pelo livro *Daniel*, ao asseverar que: “[...] entre os velhos profetas, Daniel é o mais específico na questão de datas e o mais fácil de ser entendido.” A esse respeito, Forato (2007, p. 121) aponta que “Newton diferencia dois tipos de livros na Bíblia: os históricos e os proféticos, sendo que as profecias ocupam um lugar privilegiado dentro das escrituras, pois os profetas falam em nome de uma autoridade divina”. Para o cientista inglês, a autoridade dos profetas é divina e apresenta o seguinte argumento para justificar sua predileção: “Daniel teve muito prestígio entre os judeus até o reinado do imperador romano Adriano. Rejeitar suas profecias é rejeitar a religião cristã, pois que essa religião está fundada nas profecias a respeito do Messias” (Newton, 2011, p. 32).

Newton deixa claro que compartilhava da opinião corrente de que *Daniel* seja um

livro profético. No entanto, é necessário ponderar que, na Escritura Hebraica (*Tanak*), *Daniel* não aparece entre o conjunto de livros proféticos (*Nebiim*), mas sim entre os escritos (*Ketubim*). Isto se deve ao fato de que “[...] os escribas perceberam sua categoria diferente da dos livros proféticos, e assim não o inseriram entre eles” (Soares, 2008, p. 237). Mas por qual motivo encontramos o livro em outra disposição na Bíblia cristã?

Bem possivelmente, o fato do livro de Daniel trazer como figura central de cada capítulo um personagem localizado no período exílico, nas cortes de Nabucodonozor, Belsazar, Dário e Ciro, os organizadores da LXX, Theodócio e da Versão Siríaca teriam colocado este livro logo após Ezequiel, que foi o profeta levado para o exílio babilônico. Além do mais, as visões de Ezequiel lembram um pouco as visões de Daniel, com ‘seres’ de difícil descrição (Sousa, 2018, p. 63).

Atualmente, a maior parte dos estudiosos sobre o tema compreendem que *Daniel* “não representa o movimento profético do antigo Israel, que tem muitos registros recebidos na Bíblia Hebraica, formando um bloco próprio no contexto da *Tanak*” (Sousa, 2018, p. 74). Apresentamos aqui, portanto, a primeira divergência entre os escritos de Newton e as publicações atuais no campo teológico, a qual considero de fundamental importância para as intenções deste artigo. Se *Daniel* não é um livro profético, como defendia Newton, há aí algum comprometimento nas conclusões de seus estudos? É uma das questões que se pretende esclarecer até o final deste manuscrito.

3 GÊNERO, DATA E AUTORIA DO LIVRO DE DANIEL

Para que possamos aprofundar nossa compreensão a respeito da escatologia newtoniana, é importante mostrar um panorama do conteúdo do livro, que pode ser dividido em dois blocos temáticos:

1. As histórias a respeito de Daniel e seus três companheiros, com ênfase nas provações, com a intenção de demonstrar que eles continuaram firmes na sua fé e obediência às leis. Destaca-se a aprovação do rei, que os colocou em cargos muito importantes na Província da Babilônia (Dn 3: 30; 5: 29; 6: 28).
2. Em paralelo a essas narrativas, podemos ler relatos das visões atribuídas a Daniel, que tratam da sucessão histórica de impérios que chegam ao apogeu e, em seguida, entram em declínio, dando espaço para outros dominadores. As narrativas deixam bem claro que os perseguidores do povo hebreu seriam derrotados e que a vitória final era certa.

Newton (2011, p. 27) tinha clareza de que o livro seja uma coleção de textos de diferentes épocas e que o primeiro capítulo fora escrito após a morte de Daniel. Nele encontramos uma narrativa sobre a chegada de Daniel e seus três companheiros na

Babilônia, no contexto da invasão empreendida por Nabucodonosor à cidade de Jerusalém (Dn 1:1). Nabucodonosor reinou entre 605-562 a. C, portanto, segundo essa narrativa, Daniel teria sido prisioneiro na primeira leva de cativos, possivelmente alguns anos antes de Ezequiel, e teria vivido até o primeiro reinado de Ciro (Dn 1:21). O jovem pertenceria a uma família nobre, possivelmente real (Dn 1:3), e fora escolhido como força intelectual do governo (Dn 1:4), por ser portador de grande inteligência e habilidades fora do comum, o que, inclusive, o habilitou a passar por duras provas.

Os jovens, levados à corte do rei, seriam preparados para servir de acordo com os costumes caldeus, após um processo de aculturação; exemplo disto foi a mudança de seus nomes (Dn 1:7). A imposição cultural caldeia suscita uma situação-problema relacionada à ingestão de certos alimentos considerados impuros para sua cultura (Dn 1:8). Não obstante, opondo-se diretamente aos costumes impostos, Daniel e seus amigos recusaram-se a partilhar da dieta que lhes fora imposta. É relatado que os hebreus cativos se negaram a alimentar-se com as iguarias do palácio. O relato é transmitido como uma vitória dos hebreus em face do domínio estrangeiro. O caso torna-se uma verdadeira façanha, pois os jovens saem fortalecidos e mais saudáveis do que os demais cativos.

As narrativas de exaltação de dons e habilidades, de provas e vitórias, encontradas nos seis primeiros capítulos, segundo Andrade (2013, p. 48), podem caracterizar essa parte do livro como pertencente ao gênero literário denominado *contos da corte*. Tais relatos, que seguem o gênero hagádico, eram apresentados sem preocupação com a exatidão histórica. Portanto, me parece imprescindível se perguntar, nesse momento, sobre a pertinência do esforço investido por Newton em apresentar análises com precisão cronológica, a partir dos relatos contidos no texto bíblico em tela.

O gênero hagádico (capítulos 1-6 e 3-14), recebeu seu nome do hebraico mishnaico, haggadâ, que literalmente significa 'narrativa' ou 'composição'. Utilizado frequentemente com o sentido de relato que não tem quase que nenhuma base na história real, é contada para inculcar uma lição moral; portanto, não podem ser considerados história no sentido estrito do termo (Andrade, 2013, p. 49-50).

Nos registros do historiador Flávio Josefo, curiosamente, encontramos relatos das ações de Antíoco IV Epífanes, um rei helenístico da dinastia selêucida, que governou a Síria entre 175 e 164 a.C. Tais registros históricos lançam luz sobre o tema aqui investigado. Conhecido como um príncipe cruel, ao suceder seu pai, Antíoco IV, implantou medidas extremas com o intuito de obrigar o povo judeu a renunciar seus preceitos religiosos e aderirem a um processo de helenização, em curso na época. Para executar tal desígnio, subiu

a um lugar elevado, acompanhado pelos mais importantes da sua corte e por todos os soldados, com armas. Em seguida, mandou reunir os judeus e ordenou-lhes que comessem a carne dos porcos que ele tinha imolado aos seus ídolos, sob pena de morte aos que se recusassem a obedecer-lhe.

Os relatos supracitados parecem ter relação entre si. Partimos do pressuposto de que o editor de *Daniel* tenha se utilizado deste cenário histórico para criar uma narrativa de gênero hagádico. É mais acertado, portanto, atribuir um significado inteligível a qualquer parte do livro de *Daniel*, se o localizarmos nos dias dos Macabeus, época em que os judeus se insurgiram contra as perseguições impostas por Antíoco IV. O protesto contra a imposição de uma cultura helenística, que parece ter sido relatada no livro *Daniel*, utilizando-se do recurso conhecido como contos de corte, fora um encorajamento à manutenção da constância nos princípios do judaísmo (Soares, 2008, p. 245-246; Andrade, 2013, p. 52).

Soares (2008, p. 240-244) faz coro com a maioria dos especialistas bíblicos da atualidade, na defesa de que o livro foi escrito depois da profanação do Templo, impetrada pelo rei Antíoco IV. Situação histórica que aparece de fundo nos relatos contidos no livro que leva o nome de *Daniel*. Assim, surge a chamada *Teoria Macabeia*, que localiza a redação histórica do livro no período de domínio Macabeu, ou seja, II século a.C. Os estudiosos, que defendem essa teoria optam pela versão de que um autor do século II a.C., se baseou em histórias bem conhecidas e teria acrescentado as visões, para atualizar o texto; trata-se de histórias que já vinham sendo contadas há muito tempo, que foram consolidadas na tradição do povo, mas só muito depois foram fixadas por escrito, com interesse de servir de lição para o momento em que estavam sendo registradas. Isto não significa que o autor tirou as histórias de sua própria cabeça. Significa, no entanto, que usou velhas histórias e tradições, e adaptou-as a seu propósito (Sousa, 2018, p. 69).

[...] é importante frisar que nem sempre o contexto de produção textual indicava um momento de crise social, política ou econômica, mas boa parte dos textos hebraicos são produzidos em momentos assim. Se o texto não oferece uma solução histórica para os momentos de crise, sua técnica propõe uma resolução “imaginária”, que conforta o leitor ou ouvinte daquele texto (Sales, 2019, p. 15).

A leitura de *As Profecias*, no entanto, leva à dedução de que Newton compartilhava da tese de que o *Daniel* tenha sido escrito no século VI a.C., porém Forato (2007, p. 117) considera “[...] instigante que ele não tenha estimado a datação para o Livro de *Daniel*”. A autora acredita até que seja improvável, já que o mesmo era um perscrutador de detalhes e muito criterioso no uso das datas e cronologias. Ao tentar explicar a ausência desta

informação de tamanha relevância, a pesquisadora nos apresenta o seguinte argumento:

A esse respeito, Frank Manuel comenta que Newton estabeleceu a época de Daniel no século II antes de Cristo, mas não menciona o fato de alguns eventos preditos nas profecias terem ocorrido anteriormente. Como não encontrei nenhuma menção sobre uma datação para Daniel no livro publicado, provavelmente Frank Manuel obteve tal informação através dos manuscritos (Forato, 2007, p. 118).

A questão, no momento, está em aberto, mas Forato (2003, p. 117) destaca que Newton fez seus registros “referindo-se a Daniel como tendo vivido até o primeiro ano do reinado de Ciro, que atualmente se sabe, tornou-se rei dos Persas em 559 a.C.”. Se considerarmos essa hipótese, concluiremos que Daniel foi contemporâneo à maior parte dos relatos contidos no livro que leva seu nome. Temos em cena o embate entre duas vias interpretativas: a Teoria do Exílio e a Teoria Macabeia.

A chamada Teoria Macabeia surgiu na Europa, no final do século XIX, e passou a ser amplamente utilizada entre os teólogos alemães. Após a Primeira Guerra Mundial, os protestantes de diversos países passaram a aceitar esta teoria e, pouco depois, na Segunda Guerra Mundial, a pesquisa católica passa a admiti-la. Essa teoria localiza a redação histórica do livro de Daniel no período Macabeu, ou seja, no século II a.C. Sua resistência será, contudo, mantida por alguns exegetas que defendem a chamada Teoria do Exílio. Esses pensam em Daniel como um profeta que fora levado para o exílio babilônico no VI século a.C., e, nesse período produziu seu livro (Sousa, 2018, p. 68-69).

O fundamento para a defesa da Teoria do Exílio está nas datas encontradas no próprio livro: Dn 1:5-5:29; 7:1; 8:1; 9:1; 10:1 e no estilo-EU dos capítulos de 7 a 12. A discordância, reside em três pontos fundamentais: Belsazar é figurado no capítulo 5 como o último monarca babilônico; Dario, *o medo*, é apontado como o monarca que se apossou do reino babilônico (Dn 6:1); a menção do império Medo como sucessor do Babilônico, conforme interpretação sobre o segundo animal em Dn 7. A discussão é um tanto complexa e diz respeito, principalmente, a questões de natureza histórica, mas também ao uso de duas línguas no mesmo livro: a parte central foi escrita em aramaico e o restante, em hebraico.⁴

4 AS INTERPRETAÇÕES PARA OS QUATRO REINOS

⁴ A questão não será aprofundada aqui, por fugir do propósito principal do artigo e por já ter sido analisada com suficiente profundidade por Sousa (2018, p. 71 - 73).

A narrativa do sonho de Nabucodonosor, registrada em Daniel 2, está intimamente relacionada com o texto de Daniel 7 [que não será analisado aqui]. No formato em que os capítulos foram dispostos, a descrição de uma estátua formada por distintos materiais serve como moldura para as visões posteriores [feras que apresentam características análogas aos metais]. Essa visão, representando os quatro reinos pagãos que governariam sucessivamente o mundo conhecido, e que seriam eventualmente suplantados pelo reino do povo escolhido de Deus, é essencialmente a mesma visão apocalíptica das quatro feras (Dn 7), um fato que aponta a ligação essencial que conecta a primeira à última seção do livro em aramaico em uma unidade literária distinta (Andrade, 2013).

A parte que nos interessa aqui, aparece ao leitor acompanhada de uma situação-problema, a exemplo da situação que envolvia alimentos impuros, analisada anteriormente. O novo desafio é apresentado do seguinte modo, em Dn 2: 9; “[e]stais combinados a mentir-me e a enganar-me, esperando que as circunstâncias mudem. Vamos, dizei-me o que sonhei e eu saberei se sois capazes de dar a interpretação”.⁵

Neste capítulo, Daniel aparece como político e administrador real (Dn 2:48) e comparece diante do Rei da Babilônia, após uma ameaça feita a todos os sábios daquele reino. Registra-se que somente Daniel dirige-se ao soberano, com a intenção de lembrá-lo dos detalhes daquele sonho e apresentar sua interpretação, interpretação essa que não viria dele mesmo, como relata o texto em Dn 2: 20-23.

20. Daniel expressou-se como segue: “Bendito seja o nome de Deus de eternidade em eternidade, porque a ele pertencem a sabedoria e o poder!

21. É ele quem faz mudar os tempos e as circunstâncias; é ele quem depõe os reis e os enaltece; é ele quem dá sabedoria aos sábios e talento aos inteligentes.

22. É ele quem revela os profundos e secretos mistérios, quem conhece o que está mergulhado nas trevas, junto ao qual habita a luz.

23. Ó Deus de meus pais, eu vos exalto e vos louvo, porque vós me destes a prudência e a força, e porque vós nos manifestastes o que vos pedimos, revelando-nos o sonho do rei.

A clara intenção do relato é demonstrar que a sabedoria dada pela divindade hebraica a seu povo sempre seria superior, ainda que estes estivessem cativos e imersos em outra cultura. Só Daniel, com ajuda de seu Deus, seria capaz de interpretar o sonho do rei. Há nesta passagem, de forma implícita, uma crítica ao processo de expansão da cultura helênica e seu poderio, conforme analisado anteriormente, pois o conhecimento único e verdadeiro só poderia vir de Deus que tudo domina e, não, das correntes filosóficas propagadas pelas

⁵ Esse texto bíblico, bem como os demais aqui citados foram compilados de uma versão online da Bíblia Católica Ave Maria.

escolas hegemônicas na época, dominadas pelo pensamento grego. Caracterizada pela difusão da civilização grega numa vasta área que se estendia do mar Mediterrâneo oriental à Ásia Central, o helenismo foi a concretização de um ideal de Alexandre: o de levar e difundir a cultura grega aos territórios que conquistava. O helenismo marcaria um período de transição para o domínio e apogeu de Roma (Sales, 2019; Andrade, 2013).

É relevante que leiamos, neste momento, a descrição do referido sonho (Dn 2: 31-35), bem como sua interpretação (Dn 2: 36-45):

31. Senhor: contemplavas, e eis que uma grande, uma enorme estátua erguia-se diante de ti; era de um magnífico esplendor, mas de aspecto aterrador.
32. Sua cabeça era de fino ouro, seu peito e braços de prata, seu ventre e quadris de bronze,
33. suas pernas de ferro, seus pés metade de ferro e metade de barro.
34. Contemplavas essa estátua quando uma pedra se descolou da montanha, sem intervenção de mão alguma, veio bater nos pés, que eram de ferro e barro, e os triturou.
35. Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram com a mesma pancada reduzidos a migalhas, e, como a palha que voa da eira durante o verão, foram levados pelo vento sem deixar traço algum, enquanto a pedra que havia batido na estátua tornou-se uma alta montanha, ocupando toda a região.
36. Eis o sonho. Agora vamos dar ao rei a interpretação.
37. Senhor: tu que és o rei dos reis, a quem o Deus dos céus deu realaleza, poder, força e glória;
38. a quem ele deu o domínio, onde quer que habitem, sobre os homens, os animais terrestres e os pássaros do céu, tu és a cabeça de ouro.
39. Depois de ti, surgirá um outro reino menor que o teu, depois um terceiro reino, o de bronze, que dominará toda a terra.
40. Um quarto reino será forte como o ferro: do mesmo modo que o ferro esmaga e tritura tudo, da mesma maneira ele esmagará e pulverizará todos os outros.
41. Os pés e os dedos, parte de terra argilosa de modelar, parte de ferro, indicam que esse reino será dividido: haverá nele algo da solidez do ferro, já que viste ferro misturado ao barro.
42. Mas os dedos, metade de ferro e metade de barro, mostram que esse reino será ao mesmo tempo sólido e frágil.
43. Se viste o ferro misturado ao barro, é que as duas partes se aliarão por casamentos, sem, porém, se fundirem inteiramente, tal como o ferro que não se amalgama com o barro.
44. No tempo desses reis, o Deus dos céus suscitará um reino que jamais será destruído e cuja soberania jamais passará a outro povo: destruirá e aniquilará todos os outros, enquanto que ele subsistirá eternamente.
45. Foi o que pudeste ver na pedra deslocando-se da montanha sem a intervenção de mão alguma, e reduzindo a migalhas o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro. Deus, que é grande, dá a conhecer ao rei a sucessão dos acontecimentos. O sonho é bem exato, e sua interpretação é digna de fé.

Este relato é interpretado por Newton a partir de uma proposta hermenêutica apresentada por Joseph Mede. A mesma pode ser visualizada no seguinte esquema exposto por Sales (2019, p. 32):

1. A cabeça de ouro (Dn 2: 38), representando a Babilônia;
2. O peito e os braços de prata (Dn 2: 39), representando a Pérsia;
3. O ventre e as coxas de bronze (Dn 2: 39), representando a Grécia;
4. As pernas de ferro (Dn 2: 40), representando Roma pagã e eclesiástica.

O único metal identificado explicitamente a um reino, o da Babilônia, é exatamente o mais precioso [ouro] e que estaria, segundo a Teoria do Exílio, sendo vivenciado pelo próprio autor do livro. A pedra [o quinto reino] é identificada por Mede e, posteriormente por Newton, ao evento final da história humana – A Segunda Vinda de Jesus à Terra, representada pela pedra em Daniel 2.

Joseph Mede aproxima-se da visão protestante que costumava identificar o papado como uma entidade anticristã, que seria destruído no final do período de hegemonia do quarto reino. O quinto reino seria o Reino de Cristo, representado pela pedra que apareceria durante o quarto reino [o cristianismo nasce durante o domínio romano]. Segundo Mede e Newton, o papado representava perfeitamente o quarto reino, uma vez que muitas das práticas da Igreja Católica Romana foram consideradas como blasfêmias e apostasias. Nessa linha de raciocínio, a Igreja Católica de Roma teria uma herança direta com o antigo Império Romano pagão, com suas heresias e seu poderio político (Sales, 2019, p. 33).

Forato (2003, p. 77) propõe que Newton teria adotado essa interpretação puritana, pautada no conceito de Grande Apostasia - o catolicismo romano – incorporando-a em seus escritos sobre o *Apocalipse*, já entre os anos de 1670 e 1680. Newton (2011, p. 32) parte do pressuposto de que: “O fundamento de todas as profecias de Daniel está na visão dessa imagem formada por quatro metais”. Trata-se da representação de quatro nações que, segundo o profeta, iriam governar o mundo, a saber: babilônios, persas, gregos e romanos, exatamente nessa sequência; tratando-se da representação de povos que “[...] na história do povo de Israel, têm sido extremamente opressores, tirando do povo o direito do exercício de sua religiosidade e autonomia” (Sousa, 2018, p. 66).

A tentativa de explicação da história a partir da concepção dos quatro reinos já existia desde o final do século II a. C. e foi trazida para Roma no apogeu do imperador Augusto.⁶

[...] a doutrina dos quatro reinos, que teve sua expressão mais conhecida no livro de Daniel, a qual, porém, na verdade, parece ter sido desenvolvida entre os persas, sob domínio grego, em continuidade ao esquema dos três reinos, dentro do qual o grego Ctésias, no século IV a.C., em *Persiká*, havia escrito a história assíria, médica e persa. Em sua forma original, persa e judaica, essa doutrina inicialmente oposicionista fazia especulações sobre o declínio

⁶ Dionísio Soares (2009) apresenta uma análise detalhada a respeito do uso dessas abordagens entre persas, gregos e judeus, demonstrando que a teoria se baseia em mitos sobre a existência de cinco raças que foram envolvendo no decurso da história. Essas raças são representadas por metais do mesmo modo que as partes da estátua no livro de *Daniel*.

do quarto e último reino (Koselleck et al., 2016, p. 58).

A identificação do império romano com o quarto reino se afirmava na suposição de que com o declínio da Pax Romana, a História se consumava. “Aparentemente a concepção de História se vinculava de tal forma com Roma que dificilmente se conseguia imaginar uma História não romana ou pós-romana” (Koselleck et al., 2016, p. 59). Até para os cristãos da época, era difícil fugir dessa cosmovisão, pois, o império romano na época já abrangia todo o território circundado pelo Mar Mediterrâneo. É indispensável compreender que, para as pessoas que viviam naquela época, o fim do mundo construído sob o domínio romano se confundia com o fim de todo o mundo existente.

O sonho de Nabucodonosor, no entanto, ao ser interpretado, teria revelado o que ocorreria no “fim dos dias” (Dn 2: 28), com a principal finalidade de fortalecer a fé dos contemporâneos do autor no estabelecimento final do reino escatológico do Deus hebreu, bem como combater ideologicamente o domínio cultural helênico que lhes era imposto até então. Trata-se, portanto, de uma literatura apocalíptica (Sousa, 2018, p. 64).⁷ Se considerarmos, ainda, os argumentos de que o texto possa ser caracterizado como contos da corte, como defendem alguns exegetas bíblicos, concluiremos ser impossível manter a interpretação sugerida por Isaac Newton. Para os adeptos da Teoria Macabeia, o esquema profético fica substancialmente modificado, conforme exponho a seguir:

1. Cabeça de ouro: representando a Babilônia;
2. Peito e braços de prata: representando os medos;
3. Ventres e quadris de bronze: representando os persas;
4. Pernas de ferro e pés de ferro e barro: representando os gregos;
5. A pedra que esmiúça a estátua: representando a resistência dos macabeus contra Antíoco IV Epífanês.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o pressuposto de que parte das Escrituras fora escrita metaforicamente e que, por meio das analogias presentes no texto, fosse possível estabelecer correlações com a história terrena, Isaac Newton investiu imensos esforços na tentativa de compreensão de livros considerados enigmáticos por alguns; amedrontadores, por outros; ou, simplesmente irrelevantes, para muitos. A edição de uma versão digitalizada, em língua portuguesa, dos

⁷ Um excelente resumo sobre “O gênero apocalíptico e o Livro de Daniel”, pode ser encontrado em Sales (2019, p. 13-17).

escritos desse pesquisador, possibilitou a mim a construção deste artigo com relativa facilidade. Ao me concentrar nos três capítulos iniciais da obra *As Profecias do Apocalipse e o Livro de Daniel: as raízes do código da bíblia*, tive a intenção de mostrar como o relato sobre o sonho de Nabucodonosor, inserido no segundo capítulo de *Daniel*, foi interpretado por Newton.

Discorri sobre a inclusão da visão dos quatro reinos no livro, cuja autoria fora atribuída a Daniel, mas que atualmente não é tratada como questão fechada e de opinião unânime entre especialistas. Analisei a ideia de sucessão histórica desses reinos, representada na estátua visualizada em sonho, incorporando análises atuais realizadas por pesquisadores brasileiros. Incorporei, em minha análise, a proposta de estudo do texto como um gênero literário denominado como *contos da corte*, que possibilitou um olhar diferenciado daquele imposto pela filosofia iluminista da época do cientista inglês.

Com base nas pesquisas realizadas por Sales (2019) e Forato (2003) foi possível identificar Newton como um estudante extremamente dedicado e metucioso, um exímio observador e perspicaz hermeneuta, com atenção especial às antigas cronologias, com preferência ao livro *Daniel*, classificado por ele como um livro profético. Mas, se *Daniel* é um livro apocalíptico, como apontam estudos atuais, e contém narrativas que nunca foram escritas com o rigor histórico que defendia Newton, há aí algum comprometimento às suas conclusões. Como já foi apresentado anteriormente, as histórias a respeito de Daniel e seus três companheiros, relatadas no primeiro capítulo, com ênfase nas provações, tinham a intenção de demonstrar que eles continuariam firmes na sua fé e obediência às leis judaicas. Os jovens, levados à corte do rei, foram preparados para servir de acordo com a cultura e costume caldeia, como o texto propõe, foram expostos a uma situação-problema relacionada à ingestão de certos alimentos proibidos em sua comunidade de origem.

No segundo capítulo de *Daniel*, aparece uma nova situação-problema: o sonho de Nabucodonosor, que o mesmo teria esquecido e a ele exigia uma explicação. A narrativa aparece ao leitor em situação análoga a dos alimentos impuros. Diante da ameaça feita aos sábios da Babilônia, registra-se que somente Daniel dirigiu-se ao rei para lembrá-lo do sonho perturbador que tivera; bem como, para lhe apresentar uma interpretação que não viria dele mesmo, mas diretamente da divindade que seu povo cultuava.

Se considerarmos o livro como uma produção classificada como literatura apocalíptica e que conta com elementos em estilo do gênero denominado de contos da corte, seremos induzidos a concluir que o escopo dessa história não se daria num longínquo recorte temporal; ao contrário, toda trama chega à sua completude num tempo anterior à chegada

do messias nas terras da Palestina.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Almir Lima. Apresentação dos contos de corte no livro de Daniel: análise de sua estrutura. **Oracula**, São Paulo, ano 9, n. 14, p. 46-63, 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/article/viewFile/5771/4654>. Acesso em: 13 abr. 2022.

Bíblia Católica. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/daniel/2/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

FORATO, Thaís Cyrino de Mello. “Isaac Newton e sua obra publicada sobre as profecias de Daniel”. In: LORENZANO, Pablo; MIGUEL, Hernán (Eds.). *Filosofía e historia de la ciencia em El Cono Sur*, v. 2. Buenos Aires: **C.C.C. Educando**, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/13150820/FORATO_Tha%C3%ADas_C_M_Isaac_Newton_e_sua_obra_publicada_sobre_as_Profecias_de_Daniel_In_Pablo_Lorenzano_Hern%C3%A1n_Miguel_Org_Filosof%C3%ADa_e_Historia_de_la_Ci%C3%A1ncia_del_Conosur_1_ed_Buenos_Aires_CCC_Educando_AFHIC_2008_v_II_p_121_132. Acesso em: 26 nov. 2019.

FORATO, Thaís Cyrino de Mello. **O método newtoniano para a interpretação das profecias bíblicas de João e Daniel na obra**: Observations upon the prophecies of Daniel and the apocalypse of St. John. São Paulo, 2003. 175 f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência), PUC-SP. Disponível em: https://www.academia.edu/6248508/O_m%C3%A9todo_newtoniano_para_a_interpreta%C3%A7%C3%A3o_da_s_profecias_b%C3%ADblicas_de_Jo%C3%A3o_e_Daniel_na_obra_Observations_upon_the_prophecies_of_Daniel_and_the_Apocalypse_of_St._John_. Acesso em: 22 ag. 2020.

KOSELLECK, Reinhart; Meir, Christian; Gunther, Horst; Engels, Odilo. **O conceito de história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

NEWTON, Isaac. **As Profecias do Apocalipse e o Livro de Daniel**: as raízes do código da bíblia. São Paulo: Pensamento, 2011. Tradução: Carlos A. L. Salum e Ana Lucia da Rocha Franco. (Versão e-book)

SALES, Francisco Felipe dos Santos. **Tempo, História e Profecia**: uma proposta de cristianismo nos manuscritos teológicos de Newton. Brasília, 2019. 47 f. Monografia (Graduação em História). Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23763/1/2019_FranciscoFelipeDosSantosSales_tcc.pdf. Acesso em: 14 abr. 2022.

SOARES, Dionísio O. O livro de Daniel: Aspectos sócio-históricos de sua composição. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 28, pp. 237 – 247, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18359/18359.PDF>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SOARES, Dionísio O. Hesíodo e Daniel: as relações entre o mito das cinco raças e o sonho da estátua de Nabucodonosor. **Oracula**, São Paulo, v. 5, n. 9, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas->

metodista/index.php/oracula/issue/view/344. Acesso realizado em 28 jul. 2023.

SOUSA, Ágabo Borges de. O Livro de Daniel: um texto apocalíptico do antigo testamento. **Caminhos**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 62 – 75, 2018. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/329408113_O_LIVRO_DE_DANIEL_UM_TEXTO_APOCALIPTICO_DO_ANTIGO_TESTAMENTO. Acesso em: 18 fev. 2022.

Recebido em: 26-04-2023
Aprovado em: 01-08-2023